

A UNIÃO PROGRESSISTA.

As assignaturas d'este jornal poderão começar em qualquer dia de cada mez, mas só poderão terminar no ultimo de março, junho, setembro e dezembro. Os artigos da redacção do jornal não são assignados. Todo o artigo publicado com assignatura de qualquer natureza exprime a opinião particular do seu auctor, com a qual a redacção pode ou não concordar.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS E SABBADOS.

Expediente.

As assignaturas deste jornal podem começar em qualquer dia de cada mez mas só poderão terminar no ultimo de março, junho, setembro e dezembro; porisso todo o sr. assignante que não quera continuar a auxiliar-nos com sua assignatura, desde dezembro por diante, rogamos-lhes o particular favor de nos avisar até ao fim do corrente mez; e, todo aquelle que nos não avizar dentro deste prazo fica considerado assignante até ao ultimo de março do proximo anno, e porisso responsavel p lo pagamento, não lhe valendo para d'elle se spivar qualquer desculpa ou pretexto.

BRAGA.

CAMINHO DE FERRO DO MINHO

Continua a asseverar-se que está contractado o caminho de ferro do Minho.

Folgamos de cada vez mais com esta noticia. Podemos affiançar, que o ministerio que realisar tão grande commettimento gran-

geará indeleveis sympathias dos povos d'esta bella provincia do Minho.

Ha, porem, quem diga que a linha em vez de vir directamente a Braga como ponto forçado, ao contrario, segue uma direcção muito differente, dirigindo-se do Porto a Penafiel, atravessando os concelhos de Felgueiras e Guimarães, havendo apenas um ramal para Braga.

Não podemos acreditar que assim aconteça. Se Braga deixar de ser ponto forçado, o caminho de ferro do Minho perderá muito da importancia que poderia ter, e em relação a Braga é que inquestionavelmente a importancia se torna notavelmente menor.

Nós conhecemos que uma linha ferrea não deve ligar unicamente dous pontos importantes de população, e que, pelo contrario, muito convem que esta grande arteria atravesse pelo maior numero de povoações, porque maiores são as vantagens que offerece.

No entanto ha centros de população de tal importancia pela sua posição, e pelas suas relações commerciaes, que não podem dei-

xar de ser considerados e olhados como pontos forçados da linha principal. E Braga está n'este caso.

E' fóra de duvida que pela sua posição topographica, pela sua população por ser o centro commercial da populosa provincia do Minho e por muitas outras circumstancias, é considerada como a terceira, e uma das mais importantes cidades do reino. Não merece pois unicamente um ramal que a ligue com a linha principal. Merece estar n'essa mesma linha e ser ponto forçado d'ella.

O caminho de ferro n'estas condições será para Braga o maior elemento de progresso e de prosperidade. Será, por assim dizer, a sua barra e o seu porto de mar. Dará a esta cidade e á provincia uma utilidade incalculavel: fará augmentar a população, desenvolver o commercio e será manancial de toda a civilisação.

Limitando-a a ter unicamente um ramal, e se ella seguir a direcção que se diz, alem de não gosarmos a vantagem da grande rapidez da viagem d'esta cidade ao Porto, porque seremos forçados a uma enorme volta, não alcançare-

mos os fructos e os resultados que necessariamente se auferirão sendo ponto forçado da linha.

Depositamos inteira confiança no nobre ministro das obras publicas. Estamos convencidos de que s. exc.^a ha de pesar todas as circumstancias a que se deve attender quando se emprebende um commettimento d'esta ordem, e que por isso senão realisar á isso que vagamente se diz.

Fazemos votos porque assim não aconteça.

Somos apologistas da linha ferrea do Minho: queremos-a, mas como ella deve ser; de modo que seja o prolongamento que nos ligue com a Hespanha e que presete todas as vantagens que pode e deve prestar.

Está interessante e digna de ser lida a primeira local do *Bragarense*, publicada por um anonymo á cerca da nomeação do reitor do seminario.

Está enganado o auctor encaipotado. Não queremos que o reitor d'um seminario faça crusada

uma existencia dolorosa por causa d'uma mulher!

Já não tenho recursos... perdi as esperanças todas... recorrer agora só para a justiça de Deus!

Adeus Porto: adeus Portugal: adeus minha bella e ridente Coimbra: adeus meu christalino Mondego: adeus logares todos onde eu contente e alegre passei os dias de minha mocidade, e que, talvez, não verei: adeus... adeus... adeus...

Julgava eu que n'este momento, por minhas palpebras não manariam lagrimas, e que meus olhos agora as não teriam, por as ter chorado todas juntas aos duros ferros de minha soturna prizão, mas enganai-me, pois que ellas de meus olhos correm em abundancia. Desculpai-me esta fraqueza só filha do meu muito acrisolado amor patrio, — nascida dos dilacerantes golpes que a saudade dos patrios lares, dos paes, dos irmãos, dos parentes, e dos bem poucos (!) amigos — começa a flagellar-me o coração, e... laissez moi pleurer, car la coupe deborde!

L'amertume s'échappe en longs et tristes flots.

A. F. B.

Porto. 24 de Outubro de 1865.

FOLHETIM.

ULTIMA DESPEDIDA DO PROSCRIPTO

O amor indiscreto é sempre justamente punido.

D. Francisco M. de M. (Epanaphoas.)

Está chagado o momento da partida, ó Porto; forçoso é deixar-te.

Foi em ti que eu fruí os mais deliciosos momentos de minha existencia, porque foi em ti que, pela vez primeira, meu coração devassou os arcanos do verdadeiro amor paixão; porque foi em ti que, pela vez primeira, provei da ambrosia fabricado pelo allado Cupido, filho de Venus: mas foi tambem em ti que eu esgotei até ás fezes o agro caliz do infortunio e da desventura. Foi tambem em ti que eu bibei, gôta a gôta, o fel do soffrimento.

Amei uma filha tua: amei-a com delirio, a ponto de por ella deixar, com denôdo e coragem, abrir ante meus pés um terrivel e espantoso abysmo. Por ella me deixei impeller a esse abysmo, no qual espontaneamente me precipitei, para d'elle sabir, talvez, só d'hoje a seis annos...

E como galardoou essa mulher o ardente amor que eu lhe dediquei? Como me retribuiu ella o ingente sacrificio que eu fiz, ante a ara de

sua belleza, da minha honra, da desobediencia filial, do meu futuro, da minha liberdade, e, quiçá, da minha vida? ...

... Não descortinemos, não levantemos esse opaco véu que ainda encobre os horripellantes mysterios d'essa mulher e de sua familia.

Não ponhamos em almeida a sua satânica vida privada.

Não digámos, por enquanto, a maneira como feneceu seu joven espoz. Não... mas basta. Deixemol-a entregue aos horrores do remorço, se ella é susceptível de sentil-os, e abandonemol-a á recta e divina justiça do Eterno.

Na hora extrema em que ella pressentir uma mão mysteriosa a escrever, na, sua prezença, como caracteres sanguineos, as tres palavras biblicas do festim de Bathazar — *Mané, Thesel, Pharés* —, então tremará, então conhecerá quão dolorosas são as dôres que infunde o remorço; então sentirá que o remorço de duas horas é mais amargo que um trago de veneno que nos mata em dous minutos...

N'este extremo e final momento de despedida deveria eu, talvez, soltar um clangoroso anathema áquella que me desmoronou do seguro pedestal de minha honra, de minha felicidade, cavando, com mão segura, a minha ruína: deveria eu, talvez, gritar-lhe com toda a força de meu pulmão:

«Coza, ó monstro, em impios braços, «Esse amor, negro, infernal, «Mas se eu volto á patria, ó monstro, «Teme, teme o meu punhal!»

Mas não: eu não soltarei tão estranha blasfemia (!): a minha vingança será uma vingança nobre; será o esquecimento total das injurias, porque eu não sei odiar, sei apenas que Deus nos ordena o — *dilige inimicos vestros* —. Hoje não sei soltar blasfemias, porquanto a dura prizão d'oito mezes, — a braços com a adversidade, passado d'acerbas privações, ultrajado por um estúpido e brutal verdugo, ludibriado pelas pessoas a quem mais estimava, e equiparado e posto a nivel d'homens cinnicos no crime — me tornou a alma de ferro. Não me recordei já de minhas passadas desventuras, porque durante o tempo que passei entre as quatro negrejantes paredes d'uma myasmatica masmorra, gastou-se-me a alma, e com a alma se me foram as recordações...

Lembra-me só que estou injustamente condemnado a seis annos de desterro, — que fui innocentemente bandido da amada patria, — que me roubaram aos affagos de um paé e d'uma mãe carinhosos, — que m'arrancaram dos braços d'extremosos irmãos, — que ceifaram ainda no alvorecer o arbusto da minha futura felicidade: — que fizeram murchar, ainda quasi no embrião, as pelatas das florêscntes, viçosas e refragantes rosas da minha vida! cifra-se n'isto

politica no meio dos mancebos aspirantes ao sacerdotio; e se possivel fosse, desejavamos para tão importante cargo um ecclesiastico que não professasse outra politica, que não fosse a moral do evangelho e a direcção espirital dos alumnos.

O melhor e o mais digno sacerdote é o que vivendo n'uma região elevada, serena e limpa de paixões mundanas, se não alista em escola nenhuma politica, e amando todos os homens como irmãos não appareça na arena dos debates partidarios, senão para pronunciar palavras unidas de paz, de concordia e amor.

Não queremos, pois, para reitor do seminario sacerdote que pré-gue aos seus subordinados doutrinas de partido nenhum. E' muito outra, e muito mais alta a sua missão. Somos liberaes, e por isso tolerantes. Respeitamos o verdadeiro merito onde quer que elle exista. Não estimulamos os odios politicos.

E' por isso mesmo, é para que terminem as discordias e os ressentimentos que trazem dividida a familia portugueza, que nós não desejamos ver á tésta de tal estabelecimento homem rancorosamente adverso ás ideias liberaes e que abuse da sua posição official para atrahir a geração nova ao seu gremio politico. Isto é que é um perigo e uma calamidade.

Pois será bom e conveniente para o paiz, regido pelo systema representativo, que os ministros da religião catholica saiam dos seminarios com o espirito obsecado pelas falsas ideias do velho regimen? Será para desejar que homens destinados a evangelisar uma sociedade, governada por instituições liberaes, appareçam no meio d'ella, cheios de prevenção e sentimentos hostis a essas mesmas instituições? Isto é que é perturbar os odios, a animosidade e os males da patria. Isto é que é viciar os germens do futuro, ainda tenros: isto é que é crear deploraveis conflictos entre a sociedade e o clero: isto é que é educar inimigos da dinastia, do progresso e da civilisação. Isto é que nós não desejamos.

Se é forçoso escolher um padre com politica, perguntamos: será melhor escolher um liberal ou o reaccionario para instituidor da mocidade?

Não damos conselhos ao exm.^o arcebispo: não carece d'elles. Se a disciplina tem sido uma desgraça como diz o incoberto noticiario, de quem é culpa? Será só dos empregados d'aquelle estabelecimento, ou de quem é obrigado a exercer sobre elles, constante e exculpada inspecção? Pense no alcance do que diz e não inclua na questão coisas e pessoas que não queremos agora discutir.

O noticiario quer homem ilustrado e virtuoso; tambem nós o queremos. Quer homem que no seu passado não tenha nodos negros e indelleveis: tambem nós o queremos. Quer um adversario implacavel das ideias liberaes e da familia liberal: isto é que nós não queremos, porque se oppoem a esse seu desejo as mais altas considerações tanto religiosas como moraes.

O noticiario não acredita que o snr. Fonte Boa, que tão vivamente recomendara cantar aos rapazes o *rei chegou*; nós tambem o acreditamos: mas as doutrinas da intolerancia, da mordaca, da força da oppressão e do obscurantismo, podem insinuar-se e derramar-se muito bem, ainda que o *rei não chegue*. . . Por ultimo, e em resumo: o reitor d'um seminario não deve ensinar nem liberdade nem absolutismo. A sua missão não é discutir formas de governo, é dirigir a educação litteraria e moral da mocidade. Mas sendo a liberdade a primeira condição de toda a sociedade bem organizada e o ponto do partido de todo o progresso, é um mal gravissimo e de consequências desastrosas a escolha de individuo, que valendo-se da sua auctoridade dê á mocidade lições de uma politica retrograda e condemnada, indispondo-a com a sociedade, com as leis, com a luz e com a civilisação, e preparando ao paiz novos elementos de discordia e de ruina. Ora nós sabemos que os inimigos da liberdade não perdem occasião nenhuma em que possam propagar os principios de sua politica, e conquistar novas adhesões, illudindo, acariciando e atrahindo a mocidade incauta.

Julgão isto um dever de consciencia e até uma virtude, e porisso se mostram tão diligentes em a cumprir. Será o snr. Fonte Boa uma salutar e honrada excepção d'esta deploravel regra? Oxalá que o seja. Proponha o exm.^o Arcebispo quem mais competente julgar. O que nós lamentaremos é que s. exc.^a que foi ministro liberal da Augusta filha do Imperador, e que á mesma virtuosa Rainha deve a mitra e a alta posição que occupa, escolha de preferencia reitor do seminario algum cidadão que seja fidalgo inimigo dos filhos d'essa soberana, e das instituições vinculadas com o throno constitucional.

CORRESPONDENCIAS.

LISBOA 23.

(Do nosso corresp.)

Começou hontem na camara electiva a discussão da liberdade de imprensa.

Fallaram os snrs. Levy Maria Jordão, e João Antonio dos Santos Silva; estes dous oradores, pronunciarão-se contra a disposição da lei em consequencia de abolir completamente o jury, e estabelecer completamente para todos os factos, o processo correccional.

O snr. Levy, apresentou uma substituição a varios artigos do projecto, na qual estabelece o jury, segundo a legislação antiga.

O «Jornal do Commercio», de hoje em artigo principal, combate tambem o juizo correccional, julgando conveniente a discussão a esse respeito por parte da imprensa, a fim de que o governo fique informado de qual é essa opinião, a fim tambem de se esclarecer a este respeito.

Esta discussão é importante e continuará hoje, e attendendo ao grande numero de oradores que se inscreveram, promete ser duradoura.

Foi apresentada hontem á camara electiva, uma proposta de lei, do

governo, a fim de ser approved e confirmado o contracto celebrado em 27 de novembro entre o governo e o marquez de Salamanca, modificando algumas das disposições do antigo contracto, e adicionando-lhe estipulações novas, para se construir uma estação de mercadorias na margem esquerda do rio Douro, e um ramal, que ligue a linha ferrea do norte com Valladares.

Tambem o snr. Alves Carneiro pediu ao governo, a remessa das representações das camaras municipaes do reino, acerca da directoria do caminho de ferro do Porto a Braga.

O mesmo snr. deputado, pediu tambem ao governo, copia do decreto que demittiu o ex-governador civil Vieira, (desse districto) e do que nomeou o actual, assim como uma relação de todos os empregados suspensos ou demittidos pelo novo governador civil, e a relação dos nomes, dos que os substituiram.

Parece que sempre suas magestades, farão uma entrada ruidosa no reino; na camara electiva se propoz hontem a nomeação de uma deputação, que fosse esperar suas magestades.

Veremos o que a camara resolve. Continua-se contando e affirmando que o senhor D. Luiz, manifestará o desejo de não se fazerem despesas na sua volta ao reino.

A camara municipal, a este respeito, por ora nada resolveu.

Diz-se que o snr. Joaquim Antonio Namorado, facultativo, que ultimamente foi elleito vereador deste municipio, resolveu resignar o cargo.

Os seus amigos pediram-lhe, ao que parece, para que reconsiderasse a este respeito, porem elle obstina-se allegando á sua inhabilidade para bem exercer aquelle logar; o logar de vereador não é tão importante que exija muitas habilitações; tem sido elleitos alguns cavalheiros em diversas epochas, que pouca intelligencia mostravam ter, emfim veremos em que ficamos a esse respeito.

Ainda não appareceu resposta alguma no «Jornal do Commercio», do snr. conselheiro P. R. Dias da Silva, chefe da repartição da contabilidade do ministerio das obras publicas, a respeito do protesto do snr. Carvalho e Mello, ex-escrivão pagador da direcção dos telegraphos; a opinião publica, aqui, está pouco favoravel ao snr. Dias da Silva; um homem de brio e pundonor, quando o atacam, deve desaffrontar-se, aliás fica pouco conceituado em publico; veremos em que tudo isto fica; nunca se deve desdenhar ninguem de vir á imprensa deffender-se, porque não é nenhuma humilhação, é até uma honra.

As inscripções continuam a 48 e meio.

Os titulos de cinco acções do Banco de Portugal, continuam a 490\$000 reis.

Diz-se que o protesto do snr. Christovam Carneiro d'Andrade, já conta muitas assignaturas; na primeira assemblea geral do Banco, espera-se que haja um forte debate; apresentar-se-hão, ao que se julga, as relações das letras protestadas ultimamente pela direcção, no competente tribunal do commercio.

Parece que d'esta vez, os accionistas tomarão a posição que lhes cumpre, zelando o que é seu.

Amanhã temos em S. Carlos o bello *Fausto*, não faltará a concorrência.

O theatro do Principe Real, dá um bello e magnifico baile de mascaradas.

O Circo de Priece com os seus

grande dia, a respeito de divertimentos, o peor, é que o tempo parece que não os ajudará, porque está chovendo, o que junto ao frio terrivel que faz, é horrivel.

Não ha que estranhar.

ARCOS DE VAL DE VEZ 13.

(Do nosso cor resp.)

Quando um correspondente não comprehende a sua alta missão, quando tenta com um encadeamento de parvoices satisfazer as exigencias do seu mal instincto, poderá chamar-se-lhe tudo, mas não um correspondente.

O correspondente tem deveres a cumprir, e um caminho justo a seguir.

Os deveres são a verdade, e o caminho é o da justiça.

Assim não pensa o correspondente dos Arcos para o «Bracarense».

Nem todos podem ser correspondentes, e seria bom que aquelles que não sabem, que não tem forças, e principalmente, que não tem probidade, se deixassem de escrever, para que de continuo se não enlameasse o tribunal sublime da imprensa.

Se assim succedesse, estou bem certo que o correspondente dos Arcos para o «Bracarense» não teria o prazer de ver as suas *rabiscadelas* em letra redonda.

Eu já tive o gosto de responder ao correspondente, mas por falta de espaço, então, não pude concluir a que hoje faço.

Diz o correspondente no seu *parlavriado*, que o governo venceu aquas eleições da camara pelas muitas «tranquivernias» (!!)

A que ponto se deixou levar o correspondente.

Pois houve por ventura ameaça do digno administrador deste concelho? empregaram-se alguns meios violentos sobre os eleitores? . . . como o correspondente diz? . . .

Desejára muito que o correspondente declarasse com quem se deram esses factos, e não dissesse somente isto aconteceu, porque eu o digo!

Assim, saiba o correspondente, que só falla, quem não sabe o que escreve, nem para que.

Saiba o correspondente que houve toda a liberdade tanto por parte da auctoridade, como dos seus amigos; e a prova está em que não houve um só empregado da camara, que não fosse um extremo campeão contra a lista governamental! . . .

E' mais que exemplo de tolerancia.

Ah! sr. correspondente! . . . que tão mal alinhava as suas expressões envenenadas! . . .

Diz mais o correspondente, que na assemblea da villa houve tranquillidade! . . .

Como é possivel, se, alem d'outros, acompanharam a urna até á fôrmação das actas, dous bachareis formados? . . . como foram elles illudidos.

Na assemblea de Gondariz, onde estavam postados os abthletas electoraes, e chefes da opposição, correram á urna 830 eleitores que todos votaram no domingo; como pois que o correspondente imagina armas e foices encavadas em paos para affogentar os eleitores? . . .

A verdade é que na noite de 4 para 5.^a feira ficou a policia a guardar a urna, porque se receava assalto da parte da opposição.

Na assemblea de Padreiro tam-
bem venceu a lista governamental, e
porque seria? . . . porque foi que a
lista governamental venceu neste
concelho? . . .

E porque os povos foram illudi-
dos uma vez, coagidos, ameaçados,
pelos homens da opposição na pas-
sada eleição de deputados! . . . é
porque os povos já conhecem esses
homens, que constituem hoje a opo-
sição, e quizeram dar-lhes um ver-
dadeiro testemunho, de que conhe-
ciam de sobejo quaes as suas inten-
ções.

Sr. correspondente do «Braca-
rense» é melhor o silencio, ou cho-
rar sem fazer ruido! . . . deixe passar
o carro de triumpho; não o toque
porque o suja; note que os vencedo-
res não bateram as palmas, porque
receavam magoar os vencidos; de-
ram-lhes liberdade da lagrima, mas
não a liberdade da mentira e da cal-
lunja.

Não falle o correspondente em
policias nem demandas, porque desse
modo obriga o merilissimo juiz a sa-
cudir com a ponta do pé a serpen-
te envenenada que tenta sugar-lhe a
toga.

Elle está a cima de tudo isso,
porque os seus actos sahem á frente
a pestifical-o.

O correspondente e seus satelli-
tes antes marcham de braço com o
bem conhecido Balthasar! . . . subam
com elle ao alto do seu capitolio, e de-
lá estendam a vista sobre o seu pas-
sado; chorem de vergonha se ainda
é tempo para o arrependimento, e as-
sim alcançarão o perdão d'aquelles a
quem tão infamemente teem offen-
dido.

Um Arcoense.

NOTICIARIO.

Missa do gallo. — Este anno
foi concorridissima a missa do gallo,
que se costuma fazer na Sé Prima-
cial. O templo, apesar de espaçoso,
estava cheio, e não faltaram apertões
e pezadellas. Os cantores, como este
anno trocaram a raicha de bacal-
hau á bella posta de vitella, gali-
nha, etc., etc., tinham a garganta
livre das *espunkas*, e cantaram ma-
gnificamente.

Cabellos á pantera. — As da-
mas bracarenses aproveitaram-se da
barraca de Mr. Bernabó, para esco-
lher d'entre as suas fêras, uma, que
lhe servisse de *figurino*, para o pen-
teado dos seus cabellos. Examinaram
minuciosamente as jaulas da barraca,
e a sua escolha foi recahir na *pante-
ra*. . . E para que os leitores me não
chamem má lingua, vou em breve
e nublir esta por um caso acontecido.

Na segunda feira, das onze ho-
ras para o meio dia, atravessaram o
jardim de Sant'Anna, tres elegantes,
ricamente vestidas, e ao passar por
outras que tomaram o sol n'um dos
bancos do centro, grita uma dellas
agitadissima — ô M. . . , olha os ca-
bellos á *pantera* — e todas ellas se er-
gueram de repente para examinar o
penteado. O localista aquem as *ra-
banadas* tinham feito passar uma
noite encommodada, e aquem a res-
sa tinha quasi feito adormecer, acor-
da subaltado ao ouvir o nome —
pantera — e prepara-se para *galgar*,
que de certo faria essa triste figura
se não viesse ao conhecimento da
historia.

Sempre ha coisas n'este mun-

do . . . que comparadas com a
eternidade não são nada.

Segue-se que o modernismo dos
penteados são á *pantera*.

Mundo de estrada. — Ao ze-
lo do sr. Domingos de Barros, de-
putado por Celorico de Basto, se de-
ve o estudo do traçado da estrada
de Guimarães a Villa Real, aprovei-
tando-se porem alguns lanços já fei-
tos e pertencentes a diferentes es-
tradas.

O dever do deputado é promo-
ver os melhoramentos dos povos que
o elegeram, por isso bem haja o sr.
Domingos de Barros.

Approvação. — Diz-se que pela
comissão dos dignos pares do rei-
no já fora approvedo o projecto que
diz respeito aos direitos que deve
pagar cada pipa de vinho, e que
antecedentemente tinha sido appro-
vado na camara dos snrs. deputados.

**Comer de graça durante 5
dias.** — O distincto pintor Carlos
Vernet, indo um dia de Marselha
para Pariz, achou-se no carro com
um sujeito gordo, de apparencia
rustica e com uma phisyonomia que
se prestava á caricatura.

Como os passageiros sabissem do
carro para transportarem uma in-
costa a pé, o pintor saltou um fos-
so á beira da estrada, e depois, vol-
tando-se para o sujeito gordo, per-
guntou-lhe a rir:

— Era capaz de saltar assim?

O homem não respondeu.

— Vamos a uma aposta — tor-
nou Vernet.

Experimentarei. Mas então apos-
temos alguma coisa; por exemplo
um almoço.

— Seja um almoço.

O gordo preparou-se com um
balanço entre risadas dos especta-
dores e atirou-se para o outro lado
de uma maneira desazada, mas o
caso é que saltou o fosso.

— Bravo! gritaram todos.

Carlos Vernet pagou o almoço.
De tarde outra encosta, outro
fosso, mas mais longo do que o pri-
meiro; outro salto do pintor e ou-
tra desafia.

O homem gordo fiz-se rogar.

— Olhe que me deve uma des-
forra.

— Pois então apostemos a jan-
tar.

— Pois seja.

O pobre homem pareceu fazer
um esforço gigantesco. Fez dous ba-
lancos, mas saltou para o outro lado.

N'esse tempo gastavam-se ain-
da cinco dias em ir de Marselha a
Pariz. Durante os cinco dias foi sem-
pre a mesma cousa.

Por fim, o homem gordo sal-
tava vallas de seis metros de lar-
gura.

O pintor estava estafado, des-
peitado, furioso.

— Meu caro senhor, — disse-lhe
o seu adversario por despedida —
agradeço-lhe o ter-me dado de com-
er durante esta pequena jornada
e espero que assistirá á minha es-
treia.

— A' sua estreia!

— Sim, porque estou escriptu-
rado por Nicolet como primeiro pa-
lhasso, e por estes dias tenho de
mostrar as minhas habilidades.

— Palhasso! mas então o sr.
enganou-me?

— Ao principio assim foi. Mas
meu caro senhor, eu quiz fazer co-
mo em casa de meu mestre: cada
vez mais!

El-rei Leopoldo. — Le-se na
«Patrie»:

«El-rei Leopoldo quando vinha
a Pariz, gostava de guardar o in-

cognito de viver como simples par-
ticular.

Um dia tinha elle ido ao café
do Herder, café frequentado como se
sabe, pelos officiaes do exercito.
Todas as mezas estavam occupadas,
porem vendo um official sentado so-
mente a uma d'ellas, S. M. pediu-
lhe se lhe dava ali um logar.

— Pois não, diz o official cor-
tezmante, depois observando el-rei
viu que estava ao lado de um mi-
litar, e ajuntou:

— Aposto que o sr. é militar?
— Advinhou, diz el-rei.
— E occupa infallivelmente um
posto grande.

— Sem duvida, diz Leopoldo,
tenho um grande posto.

— Meu general, peço perdão do
interrogatorio, diz respeitadamente o
official, julgando estar a fallar com
um de seus superiores, e embaraça-
do com os termos familiares com que
o havia tratado.

— General . . . melhor que isso!
respondeu alegremente el-rei, despe-
jando a chave de café.

O official julgou que estava gra-
cejando com elle e começava a fran-
zir a sobrancelha.

De repente entra no café terci-
ra personagem, sauda com profun-
do respeito o introductor do official,
e começa a conversar com elle em
voz baixa. Com tudo o official per-
cebeu a palavra senhor e ficou in-
teiramente perturbado.

Leopoldo observou isto, e levan-
tando-se para seguir o recém-vindo
disse:

— Sabe agora qual é o meu
posto, diz elle jovialmente ao official,
e se me quizer conhecer melhor apro-
veite a sua primeira licença e vá a
Bruxellas, onde me encontrará prom-
pto a conversar com o senhor, com
o copo na mão, e nós beberemos
ambos á saúde da França, de que
sou amante, e á gloria do exercito
francez, de que sou admirador!

**Uma execução na capital do
Japão.** — Le-se no «Diario do Po-
vo»: O correspondente do jornal—
North China Herald— descreve assim
a execução de dous japonezes, im-
plicados no assassinato de um ma-
jor e tenente inglez que se achavam
no Japão.

«Abriram-se as portas da prisão
e logo depois sahio um dos crimino-
sos, que vinha atado com cordas, e
os olhos vendados. D'este modo o
levaram atravez da multidão ao lo-
gar do supplicio, que era em um
sitio onde havia no chão uma estei-
ra com uma grande cova ao pé,
aberta para receber o sangue e a
cabeça da victima! Quando esta che-
gou fizeram-a ajoelhar sobre a es-
teira: os assistentes pozeram-lhe o
corpo nu até quasi á cintura e po-
zeram-lhe o cabelo todo com as mãos
para a parte anterior da cabeça. Veio
então o algoz que era um soldado
do «taicun» que tendo comprado uma
espada nova pedira para experimen-
tar a folha. Enrolou um pedaço de
pano de linho ao punho da espada,
que não tinha copos e era uma sim-
ples folha, affiou-a depois conforme
melhor pode, tomou posição ao la-
do esquerdo do padecente, ergueu
a espada com as maos ambas á al-
tura da cabeça, e, descarregando lo-
go o golpe, deitou aos pés a cabe-
ça da victima perfectamente sepada
do tronco. A cabeça foi logo agar-
rada e submittida á inspecção do
official encarregado da execução, e
significando á sua aprovação com as
palavras «tenho visto» foi lançada
para a cova em que fallamos.

Veio depois outro padecente, que

soffreu a pena pelo mesmo modo,
sendo algoz um outro soldado, que
tambem pedira para fazer esta exe-
cução. Este como o seu predecessor
fez o mesmo trabalho com igual pre-
cisão, que acabou do desgraçado lhe
cair aos pés perfectamente separada
do pescoço.

Estes eriminosos formavam par-
te de uma conspiração, que trama-
va para a expulsão e assassino dos
europeos residentes no Japão.

Partida. — Partiu ha dias de
Lisboa para um dos portos de Fran-
ça uma corveta a vapor afim de
conduzir el-rei a Lisboa ou receber
ordens suas.

Luto. — Os habitantes de Bru-
xellas trajam quasi todos de luto
pela morte de Leopoldo 1.º da Bel-
gica.

Requerimento. — O sr. con-
de de Villa Pouca, que ha pouco en-
viou, requereu a S. M. licença
para casar com a exm.ª snr.ª D.
Francisca Emilia de Barros Faria e
Castro, filha do sr. Pedro de Bar-
ros Faria e Castro, da cidade de Gui-
marães. A licença foi-lhe conce-
dida.

Uma doutora. — Diz um pe-
riodico de Montpellier, o «Messager
du Midi» que Mell.ª Antonia Cella-
rier, de 20 annos de idade, filha de
um official de marinha, fallecido nas
collonias, recebeu ha poucos dias o
gráu de bacharel em letras, depois
de haver respondido brilhantemente
ao exame oral e ao exame escripto
a que a sujeitaram.

De vinte candidatos, Mell.ª Cella-
rier obteve o primeiro logar na tra-
ducção e o quarto no discurso em
latim.

De dez aspirantes, foi a referida
senhora, classificada com a designa-
ção de *muito bem*, para cuja classi-
ficação ella excedeu o numero de
pontos que se lhe requereram.

A recepção de Mell.ª Cellarier
eleva a quatro o numero de grãos
de bacharel conferidos em poucos
annos a aspirantes do sexo feminino.

Os outros tres grãos foram con-
feridos em Lyon, Bordeus e Argel.

Bom seria que as damas portu-
guezas imitassem as damas francezas.

Entré nós temos damas littera-
tas, poetas, romancistas, redactoras
de periodicos, pharmaceuticas, legal-
mente habilitadas, etc. etc. mas ne-
nhuma doutora.

Premio. O governo inglez of-
fereceu o premio de 2:000 dollars
pela cabeça do feroz Paulo Bogle
principal chefe da insurreição dos ne-
gros da Jamaica.

VENDA DE FÓROS.

Nos dias 15 16 e 17, do mez de
janeiro do proximo anno de 1866 pe-
rante a Camara Municipal do conce-
lho de Villa Verde, se tem de vender
em hasta publica fóros municipaes,
empostos em terrenos na freguezia
de Prado (Santa Maria) avaliados pe-
lo preço de 30 penções; é addemici-
vel aos foreiros, a remissão, até ao
momento da praça, pelo preço de
35 penções.

O que assim se faz publico d'or-
dem da illm.ª camara. Villa Verde
18 de Dezembro de 1865.

O Escrivão da Camara

Antonio Maria Lopes Pereira de
Sousa Lobo.

EXPEDIENTE.

Aquelles de nossos illustres assignantes, que, pessoalmente ou por valles do correio, tem satisfeito o importe de suas assignaturas até ao fim de dezembro, tributamos-lhes o nosso agradecimento; aquelles, porém, que ainda se acham em debito, pedimos-lhes que, com a maior brevidade, venham ou mandem pagar. Podem fazel-o, ou no escriptorio d'este jornal, ou por meio de valles do correio, ou dirigindo-se aos nossos correspondentes.

ANNUNCIOS

DISPEDIDA.

(44) Joaquim Francisco de Miranda, escrivão e tabellião d'esta comarca de Braga, para onde veio transferido da comarca de Villa Verde, não tendo podido despedir-se pessoalmente, como lhe cumpria, de todos os habitantes d'aquella ultima comarca, o faz por este meio, protestando a todos seu sincero reconhecimento pela muita consideração e provas de sympathia, que lhes prodigalisaram durante o longo periodo em que exerceo o mesmo emprego, tanto n'aquella comarca como na extincta do Pico dos Regallagos, e deseja ter occasião de poder mostrar a todos a sua gratidão.

Braga 19 de dezembro de 1865.

Joaquim Francisco de Miranda.

ALVICERAS

(45) Desencaminhou-se um cão de lobo todo branco com uma machadella no pescosso e orelha direita, e outra no fim do lombo junto ao rabo, que dá pelo nome de — cribe — quem achasse e o queira entregar pôde fazel-o em Braga rua dos Chãos de Baixo n.º 27 que receberá boas alviceras.

AVISO AO PUBLICO.

VINHOS FINOS DO PORTO

15—rua dos Capellistas—15

(46) Abriu-se de novo um estabelecimento de vinhos finos do Porto, de diferentes qualidades e preços.

BANCO DO MINHO.

Em conformidade do § 4.º do art. 2.º dos Estatutos, são convidados os snrs. accionistas a effectuarem no Banco, em Braga, ou na agencia do Porto, a 2.ª prestação de 20 por cento ou 20\$000 rs. por acção, desde o dia 1 até 15 do futuro mez de janeiro de 1866, e n'essa occasião lhes serão entregues as acções diffinitivas em troca dos ti-

tulos provisórios que receberam quando pagaram a 1.ª entrada.

Braga 25 de novembro de 1865.

Os gerentes

João Evangelista de Sousa Torres e Almeida.

Francisco Cazimiro da Cruz Teixeira.

Manuel Luiz Ferreira Braga. (43)

ATENÇÃO.

Pela recebedoria d'esta comarca são convidados os contribuintes, que ainda estiverem devendo a contribuição predial em cobrança, a satisfazerem as suas quotas até ao fim do corrente mez, para evitarem a multa e mais vexames a que se sujeitam não satisfazendo até áquelle prazo. (42)

Estes medicamentos obtêm uma accitação e uma venda mais universaes do que qualquer outro remedio no mundo. AS PILLULAS são o melhor purificante conhecido para o sangue, corrige todos os desordens do fígado, e do estomago, e são igualmente efficazes nos casos de dysenteria; finalmente, como remedio de familia não tem rival. O UNGUENTO cura prompta e radicalmente as feridas antigas, chagas, ulceras (anda que tenham 20 annos de existencia) e é um especifico infallivel contra as enfermidades cutâneas por mais malignas que sejam, tais como, lepra, escorbuto, surru, e todas as affecções de pelle. Cada caixa de pillulas, e pote de unguento não acompanhados de ampullas instrucções para o uso do respectivo medicamento, podendo-se obter estas instrucções em todas as linguas conhecidas. AS PREPARAÇÕES DE HOLLOWAY vendem-se em todos os paizes do mundo, (sem exceptuar Sina, China, India, as ilhas do Archipelago Oriental, Siva, Arábia, Grecia, e Turquia) e no nosso continente em todas as principaes boticas.

OLEO TRIGUEIRO-CLARODE FIGADO BACALHAU DO DR. JONGH.

Receitado e recommendado pelo, mais distincto medico como remedio muito efficaz para ethica e molestias de peito

bronchites chronicas, rheumatismo chronico, gotta, debilidade geral, molestias de pelle, rachitico, definhamento das crianças e todas as affecções escrofulosas. Graças de cubebina com copaiba Lauoleje.

PILLULAS E UNGUENTO DE HOLLOWAY.

Medicamento muito recommendado delos principaes medicos de Paris, nos casos de blenorragias uretrosas ou gonorrhoe

Vendem-se na pharmacia de A. D. Alvim á Porta Nova, em Braga.

Oleo iodorado de Persone, dito com iodureto de ferro de Baiss. Brotheres & companhia; dito simples, purificado, de Evans Sons & companhia; muito recommendados nos mesmos casos que o primeiro.

Vendem-se na pharmacia de A. D. Alvim á Porta Nova, em Braga.

PADARIA

LARGO DA PRAÇA.

Mr. Pedro Vié, vende na sua padaria pão trigo de quartos, superior, a 210 rs. a duzia, ou a 35 rs. o par, dito redondo, amanteigado, a 240 rs. a duzia, ou a 20 rs. cada um; — doce sortido de varias qualidades a 200 rs. o arratel; — doce de rainha, superfino, a 320 reis o arratel. (41)

PUBLICAÇÕES LITTERARAS

BIBLIOTHECA DAS DAMAS

COLLECCÃO DE ROMANCES ESCOLHIDOS, LENDAS, CONTOS E NARRATIVAS, DEDICADO AS SENHORAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS. (3.ª serie)

Publicou-se o n.º 50, que é o tomo III dos

HYPOCHITAS

ROMANCE DE GRANDE ENREDO, PELO AUCTOR

Da JUDIA ERRANTE

Preço para o Porto, 120 reis cada n.º pagos no acto da entrega, que é feita em casa dos snrs. assignantes. Para as provincias, não se tomam assignaturas por menos de 6 ou 12 n.ºs pagos adiantados, na razão de 150 reis cada um, para serem enviados francos de porte.

A BIBLIOTHECA DAS DAMAS assigna-se:

No Porto — rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Neta.

Os snrs. das provincias que tinham assignado até ao n.º 36, quei-

ram mandar reformar suas assignaturas, sem o que não lhe sera contimada a remessa da Bibliotheca.

Com o n.º 18 terminou a publicação do lindo romance a JUDIA ERRANTE, continuação do famigerado JUDEU ERRANTE de Eugenio Sue. Todas as pessoas que tiverem o JUDEU ERRANTE devem comprar a JUDIA para ter o romance completo.

A JUDIA ERRANTE consta de 10 volumes que se vendem por 2\$000 reis no Porto rua do Bomjardim n.º 69. Remette-se franca para as provincias a quem mandar o seu importe em estampilhas ou em um valle do correio.

Os snrs. assignantes do ARCHIVO JURIDICO residentes no Porto, tem direito á JUDIA por 1\$200 reis, e os das provincias por 1\$500 para lhe ser remethida franco de porte. Os da cidade que a quizerem podem dar parte ao distribuidor, ou mandar ao escriptorio; e os das provincias remette-se-lhe logo que mandem os 1\$500 em estampilhas ou em cautella do seguro do correio.

Os snrs. assignantes do ARCHIVO JURIDICO gosam a vantagem de haverem todos os romances, á escolha, da BIBLIOTHECA DAS DAMAS pelo preço da assignatura (120 reis cada volume), custando avulso 200 reis.

O importe das assignaturas pode ser enviado em estampilhas ou em cautellas do seguro.

Preço de 12 n.ºs (francos) 1\$800
de 6 „ „ \$900

POESIAS

A

EXPOSIÇÃO NO PALAÇO DE CRYSTAL NO PORTO

Venle-se em Braga: em casa de Geremano Joaquim Barreto na rua do Souto. Preço 120 rs.

REFLEXÕES

Os deveres reciprocos entre a religião e a sociedade.

POR

C. J. H. C.

Resp. — bacharel Augusto C. S. Geão,

PROPRIETARIOS O bacharel Augusto Clemente de Souza Geão & L. P. da Cunha e Souza

Assigna-se e vende-se no escriptorio da redacção rua Nova de Souza n.º 51. Correspondencias de interesse particular são pagas— Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio— Quando os escriptos forem de natureza que impliquem responsabilidade, é necessario reconhecimento de tabellião. Preços sem estampilha Por anno 2\$600—semestre 1\$500—com estampilha Por anno 3\$120— semestre 1\$760.— Annuncios por linha 20—Numero avulso 4c r